

COMPETIÇÃO INTER-HEGEMÔNICA E MULTIPLICIDADE: ENTRE A CONJUNTURA E A HISTÓRIA

Inter-hegemonic competition and multiplicity:
between the conjuncture and history

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos¹

Resumo: A questão é: como efetuar uma breve análise da linearidade que envolva a conjuntura e a longa duração no que diz respeito aos conflitos internacionais do ano de 2023 e seu nexos de longo prazo com a disputa inter-hegemônica? A hipótese a ser testada é: a hegemonia norte-americana e a competição inter-hegemônica não apontam para o ocaso dos Estados Unidos em vista das distintas linearidades e tempos históricos que a envolvem. A metodologia empregada se vale de textos em conformidade com algumas premissas. São elas: a análise de relações de força como metodologia histórica a partir de Gramsci, o desdobramento da noção de multiplicidade a partir do desenvolvimento desigual e combinado conforme Leon Trotsky e a relação dialética entre guerra e paz como uma elaboração de Carl von Clausewitz. A breve análise do texto recai sobre 2023, abordando a guerra russo-ucraniana e a Rússia no conflito inter-hegemônico com os Estados Unidos, a competição inter-hegemônica entre Estados Unidos e China, a crise palestina, e algumas possibilidades analíticas no tocante à multiplicidade versando a conjuntura e a longa duração.

Palavras-chave: competição inter-hegemônica, multiplicidade, conjuntura, história.

¹ Docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília. Bolsista-Produtividade do CNPq nível 2. ORCID: 0000-0002-5542-2812

Abstract: The question is: how is it possible to make a brief analysis on the linearity that involves the conjuncture and the long duration with regard to the international conflicts of the year 2023 and its long-term nexus with the inter-hegemonic dispute? The hypothesis to be tested is: the American hegemony and the inter-hegemonic competition do not point to the sunset of the United States in view of the different linearities and historical times that involve it. The methodology used uses texts in accordance with some premises. They are: the analysis of force relations as a historical methodology from Gramsci, the unfolding of the notion of multiplicity from the uneven and combined development according to Leon Trotsky and the dialectical relationship between war and peace as an elaboration of Carl von Clausewitz. The brief analysis of the text falls on 2023, addressing the Russian-Ukrainian war and Russia in the inter-hegemonic conflict with the United States, the inter-hegemonic competition between the United States and China, the Palestinian crisis, and some analytical possibilities regarding the multiplicity dealing with the conjuncture and the long duration.

Keywords: inter-hegemonic competition, multiplicity, conjuncture, history.

Introdução

O objetivo deste texto é buscar responder à seguinte questão: como efetuar uma breve análise da linearidade que envolva a conjuntura e a longa duração no que diz respeito aos conflitos internacionais do ano de 2023 e seu nexos de longo prazo com a disputa inter-hegemônica?

Para dar conta de elaborar uma resposta a tal pergunta, buscar-se-á dar conta das seguintes etapas argumentativas, tendo como eixo abordar a competição inter-hegemônica do sistema internacional e seu nexos com distintos tempos relativos às distintas dimensões da vida, buscando aliar a perspectiva da conjuntura com aquela da longa duração. A primeira consiste em elucidar as premissas metodológicas que orientam esta análise. A segunda busca elucidar um dos conflitos que serve de mediação para um quadro mais amplo de disputa inter-hegemônica entre Estados Unidos e Rússia, focando a perspectiva nesta e na guerra russo-ucraniana. A terceira foca a perspectiva de competição inter-hegemônica entre Estados e China, bem como o realce sobre esta. A quarta foca a crise palestina. A quinta levanta argumentos iniciais para pesquisas futuras referentes a aspectos da multiplicidade aliando conjuntura e longa duração. A sexta e última conclui e foca os principais argumentos resumidos.

A hipótese central que busca responder à questão e articular todas as etapas do argumento é: a hegemonia norte-americana e a competição inter-hegemônica não apontam para o ocaso dos Estados Unidos em vista das distintas linearidades e tempos históricos que a envolvem. Seriam argumentos que sustentam tal hipótese aqueles mencionados a seguir. Primeiro, as conjunturas de menor duração destacam dimensões e linearidades próprias que não se desdobram em tendências mais substantivas de longa duração para apontar o ocaso da hegemonia estadunidense. Segundo, o caráter múltiplo, holista das dimensões e da análise das contradições e classes em conflito em escala global desmente: 1) tendências substancialmente definitivas para um prognóstico que signifique uma transformação que reorganize e transforme a concepção de mundo estadunidense ou 2) a traduza de forma a configurar uma nova hegemonia concebida e concretizada, que não pode ser pautada somente em termos de um ascenso ou descenso de forma mecânica e linear envolvendo as múltiplas variáveis de análise. Terceiro, a relação dialética entre guerra e paz que se desdobram em pontos de validade da guerra para a política. Da mesma forma que a complexidade, o acaso e as probabilidades envolvidos da guerra nos proporcionam uma névoa de incertezas e imprevistos, mesmo com lados assimétricos no conflito bélico, a disputa política inter-hegemônica também abre um leque de possibilidades que não permite um prognóstico exato no exame de ascenso e descenso das hegemonias.

Premissas metodológicas

As premissas metodológicas que balizam a avaliação seguem a ordem descrita a seguir. A primeira diz respeito à análise de relação de forças, a hegemonia em registro gramsciano. A segunda premissa se desdobra do referencial da formulação de desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky enquanto multiplicidade societal e dimensões. A terceira diz respeito à maneira como Clausewitz situa a guerra em seu nexos com a política.

A primeira premissa metodológica diz respeito à análise de relação de forças como a metodologia histórica gramsciana de análise na qual se insere uma perspectiva holista de hegemonia. De acordo com tal referência, nenhuma configuração histórica pode ser suplantada sem que todas as suas potencialidades, contradições e as forças sociais que lhes sejam pertinentes sejam desenvolvidas e esgotadas. Definindo a hegemonia como uma combinação de força e predomínio do consenso na sua forma completa e normal que é formada por múltiplas dimensões como concepção de mundo. Diante de tal perspectiva metodológica, não se pode apoiar a análise apenas numa conjuntura ou num aspecto ou dimensão de um processo histórico mais amplo (Gramsci, 1977, p. 1578-1589). A perspectiva que se traduz, se ressignifica (Gramsci, 1977, p. 469, 849, 1468) e é assimetricamente recepcionada em distintas particularidades holistas e históricas para diferentes sociedades e Estados é a hegemonia enquanto concepção de mundo, tendo o fordismo originário dos Estados Unidos em perspectiva abrangente e ampla como conjunto organizador do conjunto do capitalismo há cem anos. Ela possui como aspecto basilar a produção e o consumo em massa e todas as suas variações na sua dinâmica de transformação.

A segunda premissa metodológica diz respeito ao desenvolvimento desigual e combinado conforme Leon Trotsky (1977, p. 24-26). A combinação de desigualdades dos ritmos históricos das transformações das distintas dimensões da vida pauta esta categoria. A desigualdade das transformações se inserem num todo, numa multiplicidade. Tradicionalmente, as relações internacionais são pautadas em termos de suas distintas abordagens na perspectiva do predomínio da Ciência Política e de categorias políticas (Rosenberg, 2016). A multiplicidade, como desdobramento desta ótica combinada, e se constitui uma alternativa à perspectiva politicista tradicional presente no campo disciplinar internacionalista. Desdobram-se disto a multiplicidade societal como parte constitutiva do internacional e a multiplicidade de dimensões a serem

consideradas além da política. Outro desdobramento é a perspectiva não linear do conjunto destas transformações.

A terceira premissa é a ótica clausewitziana que se desdobra na relação dialética entre guerra e paz e na validade de pontos da guerra para a política. Guerra e paz possuem profundas diferenças entre si, mas possuem em comum a política, que se manifesta de forma pacífica ou violenta, mas sem uma demarcação precisa entre estas referidas manifestações. Tal ausência de delimitação precisa entre política pacífica e política violenta dá ensejo não somente a uma perspectiva limitada de paz na arena internacional, mas também de uma observação armada como uma das possibilidades de contemplar um grau de violência que se relaciona à forma como Clausewitz (1984) definiu a guerra.

Feitas tais petições de princípio, direcionar-se-á para a análise de fatos importantes da conjuntura internacional de 2023 combinados à perspectiva histórica de longa duração.

A Rússia e a guerra russo-ucraniana

A Rússia é percebida como um desafio à hegemonia estadunidense, dentre outros motivos, por sua aliança com a China. A tentativa de expansão da OTAN em direção às fronteiras russas em Estados vizinhos, como Geórgia e Ucrânia, é vista por renomado analista norte-americano (Mearsheimer, 2014; 2022) como a causa da tensão que levou à guerra entre Rússia e Ucrânia iniciada em 2022. Tal conflito é a questão mais candente sobre a Rússia em 2023. A resistência russa no século XXI à hegemonia norte-americana na Europa e à expansão da OTAN formam parte dessa temporalidade de médio prazo que pauta tal conflito.

Façamos uma breve retrospectiva que alie curto e longo prazo e busque situar a situação do conflito de 2023 em perspectiva histórica mais ampla. A perspectiva de médio e longo prazo da Rússia passa necessariamente por situar o papel de Vladimir Putin e sua liderança neste processo.

Após as enormes dificuldades pela opção ultraneoliberal do governo de Boris Yeltsin (1991-1999), que gerou uma condição caótica e falimentar do país, Putin, desde 1999, se alternou entre a posição de Primeiro-Ministro e a de Presidente, tendo sido reeleito para este cargo última mais de uma vez.

Como egresso dos quadros da antiga KGB e dotado de um matiz não favorável à Europa e aos Estados Unidos, Putin é um exemplo da composição de frações das classes tradicionais da antiga União Soviética (URSS) com as novas classes hegemônicas ascendentes na Rússia, tal como

ocorre nos processos de revolução passiva em viés gramsciano, ponto que demandaria uma pesquisa mais aprofundada para avaliar a pertinência de tal hipótese na longa duração do processo histórico russo. Atacou uma parte dos oligarcas, que herdaram como burocratas os conglomerados econômicos da URSS a posse de grandes monopólios econômicos agora privatizados. Compôs, por outro lado, com outra parte dos oligarcas. Após enormes dificuldades que a Rússia apresentou no processo de liberalização sob Yeltsin, Putin foi o artífice de um grande reforço e recomposição do poder e do aparato estatal.

Putin cedeu a demandas retóricas simbólicas dos comunistas e dos nacionalistas, o que permitiu cooptar uma parte destes setores para sua base de apoio. Usou símbolos do czarismo e da URSS para buscar galvanizar apoio a partir da ideologia nacionalista e de resgate da grandeza russa e se situou, algumas vezes, de forma centrista para cooptar amplos setores à direita e à esquerda. Valeu-se do controle da mídia, da cooptação de intelectuais tradicionais importantes por meio de apoio a centros de pesquisa (*think tanks*) e de elementos difusos de nacionalismo e eurasianismo² favoráveis ao projeto visto com bons olhos pela retomada do ímpeto imperial e de potência da URSS. Exemplar neste sentido é a análise de multipolaridade de Alexander Dugin, como aparato teórico que serve de amparo para uma neutralização e equilíbrio com as potências ditas ocidentais (Worth, 2005).

Outros aspectos relevantes que compõem o quadro interno russo que proporcionou condições para uma competição inter-hegemônica com os Estados Unidos no contexto pós-Guerra Fria são tratados a seguir.

Ocorreu a emergência de uma nova classe média relevante desde os anos 2000 formada por funcionários públicos, bem como médicos e professores e trabalhadores do setor privado. Putin deu uma certa legitimidade à classe de bilionários russos, antes mal vista. Tal classe foi beneficiária de subsídios e benefícios estatais, além de uma posição privilegiada nas tomadas de decisões. Putin “circulou” entre as diferentes classes de forma a buscar se situar bem em todas. Seu perfil político é conservador e de direita. Ele se ampara no aparato de segurança e um regime de fachada democrática, mas essencialmente autoritário.

² Perspectiva ideológica que congrega partidos de distintas orientações à direita e à esquerda (como o Partido Comunista da Federação Russa), que combina a perspectiva de grandeza e de potência terrestre eurásiana. Esta elaboração também incorpora a teoria determinista geográfica de Halford Mackinder, que atribuía ao controlador do coração continental eurásiano (a Rússia) a condição de expansão para as áreas litorâneas da Eurásia, controlando-a e posteriormente o restante do mundo.

A despeito da integração das frações burguesas russas e dependência (com grande endividamento) com o capital financeiro internacional e a composição como parte da classe capitalista transnacional, desde 2014 (por causa das sanções externas) o processo de acumulação destas classes teve que ser reorientado para o plano interno. O governo ofereceu várias compensações para minorar os prejuízos.

Em 2014, há uma mobilização nacionalista em favor da anexação da Criméia. Começa no ano referido, um contexto mais explícito de um conflito interimperialista e inter-hegemônico envolvendo Rússia, Europa e Estados Unidos.

Não ao acaso, alguns dos componentes hegemônicos do léxico empregado por Putin se relacionam a esse aspecto e a esse momento da conjuntura, da temporalidade de curto e médio prazo relacionado à expansão russa. Há que se contextualizar alguns significados dos termos específicos que indicam “russo” na língua russa. O primeiro é *Rossijjskijj*, que designa alguém pertencente à Rússia contemporânea como cidadão da Federação Russa. Putin usou na maior parte das vezes este termo até 2012. O segundo é *Russkijj*, significado mais inclinado para uma descrição étnica e cultural. Depois de 2012, Putin usou mais este termo, inclusive para se referir à Criméia, segundo ele, berço da civilização *Russkaya* e não da civilização *Rossijjskaya* (Khachaturian, 2022). Este é o novo componente ideológico do nacionalismo russo, que se ampara na alegação de proteger as regiões étnicas russas de Donetsk e Luhansky (região de Donbas) no território ucraniano, bem como desnazificá-las.

Todo este contexto e aparato tentam legitimar o pleito russo no contexto da luta interimperialista com a OTAN e os Estados Unidos. Situar o conflito em termos das temporalidades históricas sugere, como hipótese preliminar, de que seja uma perspectiva de longa duração, que transcenda distintas conjunturas. Isto porque não há condições políticas para que a Rússia proceda a uma escalada no sentido de engajar-se com maior envergadura ou intensidade de violência para buscar uma rápida vitória decisiva. O engajamento limitado da Rússia e em conformidade com o desafio militar apresentado pela Ucrânia, dentro das circunstâncias políticas, limita a intensidade da violência no conflito.

A temporalidade específica da guerra favorece a Rússia e não a Ucrânia (Strachan, 2022). A Rússia dispõe de recursos muito maiores que a Ucrânia para sustentar a sua posição na guerra. E dispõe de antecedentes históricos que favorecem o controle interno da sociedade e a mobilização para a guerra. Uma guerra de ocupação é bastante desgastante para o lado russo. Todavia, o apoio à Ucrânia pode diminuir e até cessar em vista das circunstâncias políticas que podem minar o apoio

por parte de seus aliados, como por exemplo, a política interna norte-americana e uma eventual vitória futura de Donald Trump no pleito presidencial, com tendências pró-Rússia desde a campanha eleitoral que o elegeu. E pesa desfavoravelmente à Ucrânia o fracasso de sua contraofensiva no ano de 2023. A Rússia manteve as suas principais posições conquistadas desde o início do conflito em fevereiro de 2022 no leste da Ucrânia. A temporalidade de curto prazo, conjuntural, desfavorece a Ucrânia, os Estados Unidos e seus aliados. No longo prazo, há um elemento que favorece a Rússia no conflito interimperialista e inter-hegemônico.

Desdobrando do referencial clausewitziano de guerra, a observação armada nuclear russa nesse processo também é um elemento de longo prazo a ser considerado num eventual cenário de escalada da violência que também é desfavorável à Ucrânia, que não possui armamento nuclear.

O conflito inter-hegemônico China-Estados Unidos

Sob a ótica da metodologia histórica de Gramsci enquanto relações de força, nenhuma perspectiva histórica se esgota antes de desenvolver todas as suas contradições e potencialidades. Decretar o fim ou o descenso da hegemonia estadunidense em favor de uma nova hegemonia da China é uma hipótese improvável no curto e médio prazo porque ela não apresenta uma concepção de mundo holista alternativa. Tampouco pode a China, apesar de iniciativas e esforços nesta direção, suplantar e o capital financeiro e dólar dos EUA hegemônicos, bem como extirpar a dependência chinesa da economia ianque. A contraditória relação de dependência, cooperação e concorrência entre China e Estados Unidos pautou o ano de 2023, inserido num processo histórico não linear de um ascenso síncico não linear e extremamente acelerado à condição de potência econômica.

Há que se discutir se a China dá ensejo a uma concepção de mundo alternativa ao fordismo estadunidense. Assim, o eixo da discussão se desloca para a capacidade do seu assim chamado socialismo como uma emergente possibilidade hegemônica. Entretanto, o assim chamado “socialismo com características chinesas” se assemelha muito mais a um capitalismo de Estado que busca passivizar (Gray, 2010) vários aspectos de um modo de produção capitalista na sua manifestação específica na Terra do Meio. A produção massiva, típica do fordismo originário norte-americano, é apenas traduzida, ressignificada para as especificidade das terras chinesas (PASSOS, 2019).

Em termos ainda gramscianos que remetem ao fordismo como concepção de mundo ampla e suas ressignificações históricas e específicas como o aspecto fundamental do capitalismo,

o assim chamado “socialismo com características chinesas” não é uma alternativa aos padrões traduzidos do fordismo norte-americano para outras particularidades, ponto basilar do conteúdo da hegemonia estadunidense apontada por Gramsci. Não possui o papel de alternativa nem mesmo como emancipação dos trabalhadores e nem das mulheres.

A China traduz, ressignifica para suas particularidades a recepção da produção e consumo em massa fordistas na sua concretude de “fábrica do mundo”. E mesmo que o assim chamado “socialismo com características chinesas” seja uma concepção de mundo específica, não há qualquer interesse de “exportar” ou implantar tal perspectiva em outros Estados e sociedades. Tampouco há qualquer perspectiva significativa de buscar traduzir, imitar em outros locais do globo de alguma forma a concepção de mundo de forma mais holista, fiel aos componentes do consenso impingido na sociedade chinesa.

Uma eventual hipótese de desaceleração ou crise chinesa é uma perspectiva a ser analisada com cautela em vista da linearidade histórica que levou o advento da China ter sido extremamente acelerado, rompendo vários padrões de linearidade histórica. Não se pode descartar a possibilidade que tal desaceleração também nada tenha a ver com os padrões lineares tradicionais da história que levam ao apego a questões conjunturais para avaliações precipitadas sobre um eventual descenso da Terra do Meio.

A ameaça militar chinesa propalada pela mídia norte-americana como uma ameaça ao poder e à hegemonia estadunidense é, no mínimo, de uma percepção com forte dose de exagero. A China, a despeito de significativa força nuclear e convencional, não possui uma doutrina militar adequada para a hipótese de uma guerra naval rápida e decisiva no mar do Sul da China e em Taiwan. Ademais, só possui três porta-aviões convencionais, contra 11 nucleares dos Estados Unidos.

A significativa presença da China nas organizações internacionais é um dado importante a ser considerado desde o vácuo do unilateralismo de vários anos de distintas gestões presidenciais norte-americanas e também da gestão Trump. E como elementos potenciais de longa duração que podem significar um posicionamento cada vez mais crescente na arena global, há que se citar a Iniciativa Cinturão e Rota como empreendimento de ação e alcance globais. Por fim, mas não menos importante, há investimento de longa data em grande volume na África e em outros países do continente.

O conflito Israel-Palestina

Em outubro de 2023, a escalada de violência de Israel contra a Palestina tornou contornos ainda mais trágicos. A desproporcionalidade das ações das forças armadas israelenses contra o conjunto da população palestina na faixa de Gaza teve como ensejo oficial os sequestros e ações do grupo Hamas, que não respondem pela Autoridade Palestina e não podem ser confundidas com o governo palestino.

A grande oposição internacional às ações de Israel é um componente desfavorável à hegemonia norte-americana e aumentam a tragédia de longo prazo de espoliação, despossessão, violência, segregação, racismo contra a Palestina.

Por mais que a alegação de terrorismo do Hamas seja usada, nenhum processo histórico de oposição bélica ao terrorismo logrou êxito. Essa seria hipótese preliminar que ressignificaria um argumento de Fred Halliday. Neste esteio, a assim chamada “guerra ao terror” norte-americana nada contribuiu para conter o avanço do terrorismo. Não seria exagero formular a hipótese preliminar que tal lógica contribuiu em alguma medida para o surgimento do Estado Islâmico. A abordagem militar do governo britânico à ação do IRA, o assim chamado Exército Republicano Irlandês, só angariou mais simpatia a tal organização. O processo de apoio ao IRA foi minorado com uma perspectiva de contenção e não de abordagem militar. Ademais, o processo de desenvolvimento e investimento econômico na Irlanda do Norte contribuiu com o fim das condições que deram apoio ao IRA. Guardadas as devidas diferenças e proporções, nenhuma perspectiva de enfrentamento militar do terrorismo se mostra ou se mostrou eficaz. No caso palestino, acabar com o processo de sabotagem da constituição de um Estado soberano palestino que envolve a oposição de Israel, apoiado pelos Estados Unidos, é o único horizonte para o fim do conflito.

Há uma grande assimetria entre as forças envolvidas. O desgaste de Israel no conflito no sentido de buscar e não conseguir liquidar o Hamas segue a lógica, inspirada na leitura de Raymond Aron (2002, p. 80-86) sobre Clausewitz: ganhar ou não perder. Não há qualquer possibilidade de Hamas vencer tal conflito. Trata-se de uma luta extremamente assimétrica, mas o Hamas aposta no desgaste de Israel e na lógica de não perder. Portanto, pode-se enunciar uma hipótese preliminar de uma perspectiva de desgaste relacionada a uma longa temporalidade.

O Hamas parece não se importar com a ceifa de vidas palestinas e o tempo de desgaste de Israel parece estar a seu favor no sentido de buscar uma imagem contrária ao governo do primeiro ministro israelense Nentanyahu. Várias lideranças do Hamas vivem no exterior, fora da Palestina. A pulverização de sua organização impede que a ação militar israelense coloque um fim na sua

atuação, ponto que reforça a hipótese preliminar de que a abordagem militar ao terrorismo não é eficiente e demanda uma perspectiva muito mais pragmática de contenção. A temporalidade de longo prazo é a chave para tentar ou não por termo a este conflito. A posição estadunidense parece estar, nos processos vindouros, indissociavelmente associada ao apoio a Israel. Um horizonte favorável à Palestina passa necessariamente por erodir a hegemonia norte-americana na Ásia e a posição de Israel, a despeito de grande apoio internacional à causa palestina. A perspectiva de luta social no interior das sociedades contra a hegemonia estadunidense e a favor da emancipação palestina na constituição de um Estado próprio pode ser a chave futura de uma mudança neste quadro. Como não poderia deixar de ser, uma luta no interior da sociedade norte-americana que suplante o lobby religioso pró-Israel também pode ser uma chave relevante de mudança futura.

Multiplicidade entre a história e a conjuntura

Em termos de uma hipótese preliminar, a multiplicidade é uma possibilidade para abordar aspectos conjunturais e históricos normalmente pouco analisados fora da perspectiva hegemônica da Ciência Política no tratamento da temática internacionalista. A título de exemplificação, podem ser citados: a presença das mulheres em processos e eventos marginalizados, as migrações internacionais e o nexos dos aspectos físicos para a compreensão da dinâmica ambiental internacional.

Cynthia Enloe (1996), expressiva internacionalista feminista, sustenta justamente a relevância do que está nas margens como o ponto de partida para o internacional. A perspectiva dominante masculinizada nas relações internacionais normalmente hierarquiza para desmerecer inúmeras temáticas nas quais as mulheres são partícipes mas são silenciadas, ocultadas e violentadas de distintas formas. Todavia, a marginalização não se dá somente neste temário.

A inclusão do mundo natural na perspectiva analítica que envolve a multiplicidade intersocietal é uma chave importante para aplicar, traduzir, ressignificar o desenvolvimento desigual e combinado (Siebert, 2021) na análise que permeia a conjuntura e o internacional. Há que se combinar a temporalidade histórica com a conjuntura de 2023 em perspectiva que não trate a temática como mero epifenômeno da política. Como é sabido, o ano referido testemunhou calor recorde, seca extrema e tempestades fora do padrão usual em distintos contextos. Trata-se de uma análise a ser aprofundada futuramente.

Por fim, mas não menos importante, fenômenos normalmente marginalizados, como as migrações, deveriam ocupar mais espaço como algo que proporcione análises que combinem o longo prazo e a conjuntura na mediação analítica através da multiplicidade.

Portanto, apontam-se aqui apenas alguns elementos iniciais que podem ser melhor desenvolvidos em análises futuras.

Considerações Finais

Os desafios à hegemonia norte-americana podem ser explicados de forma bastante embrionária pelos conflitos brevemente analisados neste texto.

Na medida em que a análise de tais conflitos possuem uma análise em que a política faz a mediação do argumento ou ocupa um papel central, há que se as análises no conjunto das dimensões e seus distintos ritmos de transformação.

A análise desenvolvida sugere elementos embrionários de avaliação das diferentes temporalidades para se combinar a relação combinada entre conjuntura pontual e específica de 2023 e o contexto mais amplo de longa duração. Na medida em que o ascenso chinês no século XXI se deu de forma extremamente acelerada, fugindo à linearidade tradicional, sugerindo que a história não segue um padrão de ascenso à condição de potência, também conflitos que envolvem guerra e política também podem ter um desfecho que fuja a qualquer padrão de linearidade ou de lógica que leve em consideração a superioridade de meios militares. Esta incerteza permeia a avaliação entre a conjuntura e a história e demanda uma análise mais detida no alcance da multiplicidade intersocietal e de dimensões em distintos ritmos de transformação.

Referências Bibliográficas

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**, Brasília: UnB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial, 2022.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

ENLOE, Cynthia. Margins, silences and bottom rungs: how to overcome the underestimation of power in the study of international relations. In: SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKY, Marysia (orgs.). **International theory: positivism and beyond**. Cambridge: Cambridge University, 1996, p. 186-202.

GILPIN, Robert. **War and change in world politics**. Cambridge: Cambridge University, 1981.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**, Torino: Einaudi, 1977.

GRAY, Kevin. Labour and the state in China's passive revolution. **Capital & Class**, v. 34, n. 3, p. 449-467, 2010.

KHACHATURIAN, Rafael. **The Putin Regime Is Straining Under Its Own Contradictions: an interview with Ilya Matveev**. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com/2022/02/russia-navalny-billionaires-west-democracy-repression>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MEARSHEIMER, John J. Playing with Fire in Ukraine. The underappreciated Risks of Catastrophic Escalation. **Foreign Affairs**, v. 17, p. 2022.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. **Foreign Affairs**, v. 93, p. 77, 2014.

PASSOS, Rodrigo. Interregno hegemônico? Uma avaliação sobre a hegemonia dos Estados Unidos a partir da análise das relações de força dos cadernos carcerários de Gramsci, In: **Revista Novos Rumos**, v. 56, p. 1-19, 2019.

ROSENBERG, Justin. International relations in the prison of Political Science. **International Relations**, v. 30, n. 2, p. 127-153, 2016.

STRACHAN, Hew. **The Ukrainians are running out of time**. 2022. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2022/07/05/ukrainians-running-time/>. Acesso em: 5 jul. 2022.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, volume 1.

SIEBERT, Johanna. The greening of uneven and combined development: IR, capitalism and the global ecological crisis. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 34, n. 2, p. 164-185, 2021.

WORTH, Owen. **Hegemony, International Political Economy and Post-Communist Russia**, Burlington: Ashgate, 2005, p. 142-164.